

É simples e barato curar a deformação no tórax

Clarissa Lima

Da equipe do Correio

84
CORREIO BRAZILIENSE

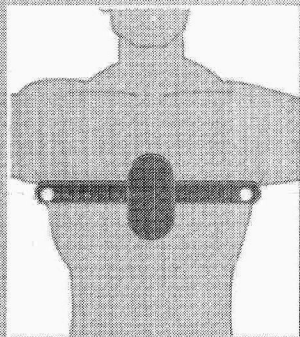
29 MAI 1999

AS DUAS FACES DA DOENÇA

Crianças com problema respiratórios têm grandes chances de desenvolver a doença, que ocorre quando há desproporção entre o crescimento das costelas e do osso externo, que fica no centro da caixa torácica

PEITO DE POMBO

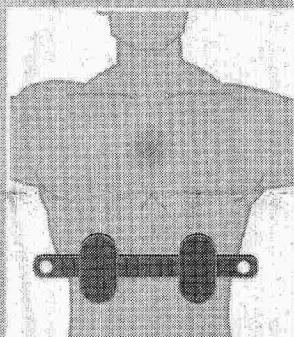
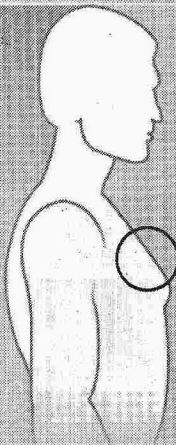
Deformidade torácica para fora. A doença pode se desenvolver na infância devido a complicações no aparelho respiratório. Também pode causar problemas na coluna vertebral. O tratamento deve começar na entre 11 e 17 anos



O aparelho é colocado sob o local onde há a protuberância, forçando o osso a voltar para a posição correta. Uso contínuo do tratamento por um período entre um e dois anos

PEITO DE SAPATEIRO

Deformidade torácica para dentro. Também pode causar deformações na coluna vertebral. A doença tem influência genética e pode ser percebida nos primeiros anos de vida. O tratamento deve começar na entre 11 e 17 anos



As duas almofadas são colocadas na parte inferior do tórax, forçando para frente a parte deformada. Uso contínuo do aparelho por um período entre dois e três anos

Editoria de arte/Beto Figueira

O estudante Jesse Mendes de Moraes, 15 anos, não tira a blusa nem para dormir. “Tenho vergonha do meu peito”, assume. O garoto tem o chamado peito de sapateiro ou *pectus excavatum*. É uma espécie de cavidade na caixa torácica. Um problema estético que causa dor de cabeça para o garoto e para a mãe dele. “Ele só tira a camisa para tomar banho. Vou ter que lutar muito pela saúde do meu filho. Quando ele nasceu, o pediatra falou que era raquitismo”, afirma a dona-de-casa Alda Mendes Moraes, 46 anos.

O garoto sonha com o dia em que vai poder se banhar em um rio, lago ou piscina. “A primeira coisa que vou fazer quando ficar bom é me banhar”, anuncia ele, enquanto veste rapidamente a blusa depois do exame. A deficiência de Jesse é mais comum entre os adolescentes do que se pensa.

Pesquisa feita pela equipe do ambulatório de deformação torácica do Hospital Regional da Asa Norte detectou que 34,5 em cada mil adolescentes apresentam alguma deformidade nesta região. O levantamento foi feito entre 4.303 alunos com 6 e 16 anos, em escolas do Paranoá e Plano Piloto, entre agosto de 1997 e agosto de 1998.

“A maioria dos alunos esconde o problema e acha que é único, que não tem ninguém igual no mundo. Por isso, não procura um tratamento”, adianta o ortopedista Sidney Haje, coordenador do projeto. Em cerca de 31,7% dos casos, a descoberta foi feita pelos professores de educação física. No restante, foram os próprios pais que diagnosticaram a doença, mas ainda não tinha procurado um atendimento médico.

O peito de pomba e o peito de sapateiro são tipos de deformações torácicas que causam a formação de saliências ou fendas no peito. No DF, para resolver este problema, o paciente não precisa recorrer a cirurgia, se for tratado a tempo. O ortopedista Sydney Haje, no Hospital Regional da Asa Norte, desenvolveu um aparelho inédito, barato e eficiente no tratamento da doença, chamado Ortese — Compressor Dinâmico de Tórax.

Uma ‘almofadinha’ na frente e outra atrás. Dois parafusos de cobre fazem o ajuste para cada paciente. A receita artesanal, com respaldo científico internacional, pode evitar uma cirurgia torácica, indicada por alguns médicos. O uso do aparelho é, na maioria dos casos, a única solução para o problema, se tratado entre 11 e 17 anos. O aparelho é feito com alumínio duro, borracha e uma cobertura de tecido macio. Sidney já publicou doze trabalhos sobre o aparelho em revistas especializadas internacionais. “Recebo muitos e-mails do exterior pedindo informações sobre o tratamento”.

SEM CAUSA DEFINIDA

Ainda não são conhecidas as verdadeiras causas da doença. É certo que crianças com problemas respiratórios (bronquite, asma e pneumo-

nia, por exemplo) têm grande chance de desenvolver o problema. “Seja porque respiram errado e forçam a estrutura óssea ou desenvolveram a doença pela má formação torácica. Ainda não sabemos quem é a causa e qual a consequência”, explica Sidney. A herança genética é outro fator determinante. Os pacientes também desenvolvem problemas na coluna vertebral.

“A dificuldade desta doença é o desconhecimento dos médicos. Muitos chegam a receitar cirurgias torácicas para um problema que pode ser resolvido na ortopedia”, afirma Sidney. A lógica do aparelho é o uso da lei da força. “O osso e as cartilagens são organismos vivos, ao contrário do que a maioria pensa, e podem ser moldados”, defende.

A ‘almofadinha’ presa ao corpo força o osso a voltar para o lugar correto, com o uso contínuo e a ajuda de exercícios. Para cada paciente é feita uma forma diferente. O médico risca o tamanho com uma caneta pilot no peito da criança. Em seguida, faz-se uma forma de gesso para tirar as medidas. O aparelho é entregue em dois meses. Tudo gratuito. Desde 1997, o aparelho vem sendo produzido pela Fundação Hospitalar do DF. Cerca de 150 pacientes já foram beneficiados pelo produto, neste período. A cada dois meses, a criança volta ao consultório para fazer o acompanhamento e os ajustes.

“A maioria tem complicações estéticas. Para o homem, o peito é sinônimo da masculinidade. E nas meninas, de apelo sexual. O problema causa traumas psicológicos nas

crianças, que querem esconder a deformação”, diz Sydney.

Ontem, Jesse fez a forma do seu aparelho. Tirou a blusa pela primeira vez diante de estranhos, a equipe de quatro médicos. As fotos de garotos como ele que se recuperaram com o tratamento animou o menino, que esboçou um sorriso tímido, entre poucas palavras. Além de usar o aparelho, Jesse terá que fazer ginástica para auxiliar no tratamento.

Quem também tirou as medidas foi Joiane Gama de Siqueira, 11 anos. Ela tem uma pequena saliência no peito esquerdo. “Notei quando ela tinha dois anos de idade, mas só agora podemos fazer o tratamento”, conta a mãe, Helena da Silva Gama, 36 anos. O aparelho só pode ser utilizado a partir da pré-adolescência, quando há um maior desenvolvimento físico.

O garoto Lucas de Souza Rodrigues, 6 anos, é uma exceção. O seu problema é de origem clínica. O garoto tem sérios problemas respiratórios com crises mensais de bronquite asmática. O aparelho vai ajudar a sua respiração e diminuir a frequência e gravidade das crises. “Quando eu respiro, dói muito”, diz. Para ajudar no tratamento, Lucas terá que encher balões de festa entre 10 e 15 minutos, por dia, e fazer natação. Ontem, ele pegou o seu aparelho. “Não dói”, concluiu o menino.

SERVIÇO

Ambulatório de Deformidade Torácica do Hospital Regional da Asa Norte (Hran). Telefone: 325.4219
<http://www.ambr.com.br/orthopectus>